

Invasor parte para a briga

Érica Montenegro

Da equipe do **Correio**

A tarde de sexta-feira foi tensa na invasão do Setor de Indústria de Ceilândia, onde 2 mil pessoas estão acampadas há 15 dias. Os invasores resistiram à desocupação promovida pelo Serviço de Vigilância Integrado do Solo (Siv-solo). Armados com pedaços de pau, avançaram sobre os funcionários que desarmavam as barracas. Jogaram pedras, hostilizaram policiais militares e tocaram fogo em montes de entulho.

Às 17h, o diretor do Siv-Solo, coronel Benjamim Bispo, que acompanhava pessoalmente a retirada dos barracos, suspendeu a operação. Ao **Correio** Bispo disse que dispensou os homens por causa do horário adiantado. Os auxiliares dele reconheceram, no entanto, que a preocupação era com a segurança das pessoas. Para garantir a segurança, havia 30 policiais militares no local. Eles não reagiram às provocações dos sem-teto. Apenas contiveram um grupo que, com tochas, partia para queimar um monte de entulho.

A debandada dos funcionários e policiais foi comemorada com palmas e palavras de ordem: "Queremos lote!", "O povo unido jamais será vencido". Os invasores usam o discurso feito pelo governador Joaquim Roriz

no dia 24 de julho para justificar a permanência no local. Na ocasião, Roriz disse: "Já dei lote a mais de 140 mil famílias. Chegou a hora de vocês".

A desempregada Ildete Santos, 40 anos, cobra a promessa. "Ele nos garantiu o lote. Fico aqui até receber". Ela está no acampamento com os cinco filhos. Os mais exaltados fazem ameaças. "A gente está aqui para morrer ou matar", discursou um rapaz identificado apenas como Anderson.

"QUERO A ESCRITURA"

Das 4 mil invasores que se instalaram no terreno há 15 dias, pelo menos 2 mil continuam lá. Os que foram embora seguiram as ordens do governador Roriz para que aguardassem os lotes em casa. Na segunda-feira, o Siv-solo volta ao local em nova tentativa de dispersar o acampamento. Durante o final de semana, policiais militares manterão ronda constante para evitar a chegada de novos invasores.

Cansados de promessas, os invasores de Ceilândia que resistem no acampamento querem garantias mais sólidas do que as senhas distribuídas pelo GDF durante a semana para cadastramento no Idhab. "Esse papel não vale nada, quero a escritura do meu terreno", reclamou a doméstica Vera Lúcia Areia Soares, 44 anos.

Carlos Moura



INVASORES ATEARAM FOGO EM BARRACO PARA IMPEDIR REMOÇÃO: SIV-SOLO RETOMA OPERAÇÃO NA SEGUNDA-FEIRA